

## EM MEMÓRIA DE FRANÇOIS CHESNAIS

Em 28 de outubro, o mundo perdeu o grande economista marxista e ativista francês François Chesnais, seguramente um dos mais argutos analistas da cena econômica contemporânea.

A comunidade dos economistas políticos do Brasil, que, em sua diversidade, a Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) busca representar, externa o seu imenso pesar pela perda desse companheiro.

Difícil encontrar dentre nós alguém que não tenha sido influenciado por seus estudos e suas análises, sobretudo no que concerne ao caráter rentista e financeirizado do capitalismo de hoje, que ele começou a desvendar há quase três décadas.

Depois de trabalhar muitos anos na Direção de Ciência, Tecnologia e Indústria da OCDE, muitos deles como economista-chefe, Chesnais viu passar sob seus olhos substantivas mutações na economia mundial, principalmente no que concerne à forma de atuação dos grandes blocos de capital. Para dar conta dessas superlativas transformações e tendo por guia a teoria marxista, publica na França, em 1994, o livro *La Mondialisation du Capital*.

Na obra, um de seus primeiros reparos é relativo ao termo “globalização”, que se difundia naquela época em referência a um cenário de economias mais abertas e menos reguladas, mas carregando também uma forte conotação ideológica. Na esteira da debacle soviética e da defesa e aplicação dos princípios de política econômica defendidos pelo neoliberalismo, o

termo aludia a um “mundo mais livre”, uma “aldeia global”, com benefícios “para todos”. Chesnais faz o devido reparo. Não, não se tratava de globalização e sim de mundialização; e isso não significava trocar seis por meia dúzia, porque o substantivo vinha qualificado: mundialização, sim, mas do capital!

Com o novo termo, Chesnais fazia referência principalmente aos intensos movimentos de centralização que resultavam na constituição de empresas-rede, com parcerias múltiplas que atravessavam o planeta e para as quais o termo “multinacional” já não era mais adequado. Aludia também, de modo premonitório, à hipertrofia da esfera financeira e a vários dos elementos que passaram a integrar aquilo que veio a ser conhecido por *financeirização*.

Dando-se conta da importância crescente que o fenômeno adquiria e de suas consequências na forma de operação do processo de acumulação, Chesnais reúne um time de especialistas e, apenas dois anos depois, em 1996, publica o livro *La Mondialisation Financière*, onde são estudadas não só as características determinantes de um processo de acumulação sob dominância da valorização financeira, como também alguns de seus principais personagens: fundos de investimento, fundos de pensão e os próprios grupos predominantemente industriais.

Esse conjunto de estudos colaborou sobremaneira para a compreensão que muitos passamos a ter da natureza dessa nova etapa da história capitalista, com destaque para a magistral introdução escrita pelo próprio Chesnais. E muitas outras coletâneas se seguiram, e tantos outros textos, todos com grande repercussão, a exemplo de um artigo publicado, em fevereiro de 2007, na revista argentina *Herramienta*, em que ele antecipa a grande crise financeira a explodir em 2008.

Em 2016, Chesnais publica um livro em língua inglesa, *Finance Capital Today*, em que faz uma exaustiva revisão da literatura que procurou dar conta do fenômeno da financeirização, além de repassar o debate teórico, o qual envolve termos complexos e de difícil compreensão dentro da economia política marxiana, como capital portador de juros e capital fictício. Ao final da obra, conclui que a financeirização veio para ficar, projetando um

cenário de crise permanente e cada vez maior, pois a dominância financeira vai afastando cada vez mais o processo de acumulação de suas condições necessárias. Porém, segundo nosso autor, ainda assim, o capitalismo se sai bem na fita. Sua data de validade, observa, não está à vista. Concorde que essa não é uma forma muito alvissareira de se encerrar um livro, mas lembra, com Gramsci: “dizer a verdade é um ato revolucionário”.

Tal final não é casual. Chesnais sempre foi um intelectual engajado, que buscou transformar o mundo, tendo o socialismo como norte. Por isso, nunca abandonou, ao lado da intensa atividade de docência e pesquisa, a militância política. Sua obra permanecerá como legado de toda uma vida dedicada não só à compreensão das contradições que constituem o modo de vida dirigido pelo capital, mas também da luta para transformá-lo, colocando-o a serviço da humanidade e sob seu comando consciente. Que ele sirva de inspiração para que, sobretudo nos dias que correm, não desistamos da luta.

François Chesnais, presente!

Comitê editorial da Revista da SEP